



Iaci Carneiro  
Lorena Barros  
Luciana Brandão

## **Manifiesto Arte en la Maternidad**

*Traducción del portugués: Ana Tomimori*

Dicen: cuando el feminismo avanza el machismo retrocede. Jamás discordaremos de esto.

Sin embargo, preferimos seguir en las filas de quienes intervienen en el día a día y apoyar hombro a hombro un campo positivo constructivo: Cuando una mujer avanza ningún hombre retrocede. Cuando las mujeres avanzan el mundo entra en un estado de cambio.

Dentro de este escenario político-social-caótico, oscuro y opresivo;

Dentro de este mundo que, aunque antiguo, aún nos guarda sorpresas y miedos;

Ante la tarea primordial de sobrevivir y defender a los nuestros;

Reconociendo la enorme necesidad de estudiar en profundidad todas las nuevas expresiones de género y sexualidades, desentrañando cómo la opresión afecta cada forma de ser; sintiendo profundamente que es hora de actuar; Sentimos y creemos más que nunca (!) que el arte es un camino innegable para practicar la libertad, de discusión, de expresión individual y colectiva, es la gasolina para entenderse responsable en la construcción de lo que vendrá, es una caricia al alma para poder caminar con la belleza en la mirada.

El arte. Señora arte. Eso construido, producido, hecho, concebido por humanos en toda su inmensidad existencial. Aquella que surge de un tropiezo en la acera, de un suspiro en la mañana, de una conversación entre hermanos, de una noche de fiesta con amigos, aquella moldeada por años de estudio, de inversión, de callo en los dedos, en los pies, aquella revelada en el intercambio con el público, con el amigo que te alienta, con el director, con los técnicos, esa dama del arte que exige escucha abierta y mirada atenta ante cualquier suspiro. Está ahí, en lo repentino y también en el esmeril que emerge, luego a través del sudor se consolida, luego en la aventura del riesgo irradia al mundo el anuncio de su efímera disposición.

Este es el arte que queremos producir. Este es el arte que queremos ver. Que queremos compartir y respirar.

La vida de un artista va acompañada de exigencias perennes: presencia, fe, sudor, perseverancia, dedicación, coraje, tiempo, tiempo, tiempo, tiempo.

Para hacer arte se necesita una memoria levitada y un cuerpo presente. Es necesaria la dedicación temporal como estado de ejercicio además de los trámites laborales.

Es en esta palpitante oportunidad que nació el Movimiento Arte en la Maternidad.

Ante el costoso entendimiento de que la maternidad sigue siendo un portal de opresión inviolable. Donde las madres lo abandonan todo para anidar sus semillas. Donde el tiempo ya no es nuestro sino de nuestros hijos. Donde el apoyo sigue siendo vestigial. Donde el cansancio y las tareas sistemáticas nos quitan el derecho a simplemente ser.

En este torbellino de tener hijos y nuevas esposas, nos encontramos abrumados e incapaces de trabajar en el arte, de disfrutar del arte, de celebrar el arte.

Y con el corazón lleno de colores y esperanzas, que recogemos en cada segundo del maternar, queremos decir aquí que no vamos a vivir a pesar de nuestros hijos, queremos vivir atravesados por ellos, recogiendo la sabiduría ancestral de tratar con un ser en construcción y de la necesidad pulsante, de mirar dentro de nosotras mismas y diagnosticar la potencialidad como madres tomadas de la mano en movimiento.

Y así, tendremos un arsenal reforzado para mirar a nuestro alrededor y cuestionar esta estructura patriarcal: la falta de equipamientos públicos que brinden apoyo a las madres y a los niños, la falta de políticas culturales que apunten a reinsertar a las madres en la escena de la ciudad a través de la promoción, la capacitación y el restablecimiento de redes de trabajo. La hegemónica estandarización estética curatorial que no apoya a las mujeres, ni a los negrxs, ni a la comunidad lgtqia+ y una infinidad de cosas más.

Del cuestionamiento se hace nacer un embrión de cambio que hará germinar, tras un largo y costoso proceso, el mundo donde se pueda contemplar la diversidad en toda su expresión y donde las madres no tendrán que elegir mas entre su vida profesional y sus hijos, o entre ambas y su salud mental.

Sin embargo, antes de llenarnos la boca de palabras futuras, invitamos a todes a llenar el presente con acciones efectivas.

Não podemos, na nossa microesfera, curar as does do mundo, mas podemos dilui-la. E auxiliar as mães ao nosso redor a ter o mínimo de condições de ir em busca dos seus desejos e vontades. Por isso questionar nossa mente sobre as ações cotidianas que podemos fazer, sobre as ações cotidianas que teremos que nos esforçar para fazer é talvez a nossa tarefa mais suprema. Reentender a criação das crianças enquanto um processo para além dos laços genéticos. Construir novos espaços que acolham crianças. Incentivar a vida artísticas das mulheres. Propiciar condições para que mães consigam vivenciar a arte. É por esse caminho que convidamos todes a seguirmos de mãos dadas.

Una vez que un cuerpo alberga a otro cuerpo, ningún corazón se contenta con poco.



Iaci Carneiro  
Lorena Barros  
Luciana Brandão

## **Manifesto Arte na Maternidade**

Dizem: quando o feminismo avança o machismo retrocede. Jamais discordaremos disso.

Porém, preferimos seguir nas fileiras de quem pisa o cotidiano e sustentar ombro a ombro um canto positivo construtor: quando uma mulher avança nenhum homem retrocede. Quando as mulheres avançam o mundo entra em estado de mudança.

Dentro desse cenário político-social-caótico trevoso e opressor;  
Dentro desse mundo que mesmo sendo ancião ainda nos reserva surpresas e sustos; Diante da primordial tarefa que é sobreviver e defender os nossos;  
Reconhecendo a enorme necessidade de estudar a fundo todas as novas expressões de gênero e sexualidades, destrinchando como as opressões recaem em cada forma de ser, sentindo na pele rasa que o tempo é de agir, sentimos e acreditamos mais do que nunca(!) que a arte é um caminho incontestável de prática de liberdade, de contestação, de expressão individual e coletiva, é a gasolina para se perceber enquanto ser responsável na construção do que virá, é afago na alma pra poder caminhar com beleza nos olhos.

A arte. Senhora arte. Aquela construída, produzida, feita, concebida por humanos em toda sua vastidão existencial. Aquela que brota num tropeço na calçada, num suspiro de manhã, numa conversa entre irmãos, numa noitada entre amigos, aquela lapidada em anos de estudo, de investimento, de calo nos dedos, nos pés, aquela revelada na troca com o público, com o amigo que te incentiva, com o diretor, os técnicos, aquela senhora arte que te exige escuta aberta e olhos atentos a qualquer suspiro. É ali, no de repente e também no esmeril que surge, depois entre suor se consolida, em seguida na aventura do risco irradia ao mundo o anúncio da sua prontez e efêmera.

Essa é a arte que queremos produzir. Essa é a arte que queremos assistir. Que queremos compartilhar e respirar.

A vida de um artista é acompanhada de exigências perenes: presença, fé, suor, perseverança, dedicação, coragem, tempo tempo tempo tempo.

Para se fazer arte é necessário a memória levitada e o corpo presente. É necessário a dedicação temporal enquanto estado de exercício para além de formalidades trabalhistas.

É nesse ensejo pulsante que nasce o Movimento Arte na Maternidade.

Diante do custoso entendimento de que a maternidade continua sendo um portal de opressão inviolável. Onde as mães abdicam de tudo para aninhar suas sementes. Onde o

tempo não é mais nosso e sim de nossas crias. Onde o apoio continual vestigial. Onde o cansaço e as tarefas sistemáticas nos tiram o direito de só ser.

Nesse turbilhão de nascimento de filhos e novas mulheres nos percebemos sobrecarregadas e impossibilitadas de laborar arte, de desfrutar arte, de celebrar arte.

E com o coração repleto de cores e esperanças que colhemos em cada segundo do maternar queremos aqui dizer que não vamos viver apesar dos nossos filhos, queremos viver atravessados por eles, coletando a sabedoria ancestral da lida com um ser em construção e da necessidade pulsante de olharmos para dentro de nós mesmas e diagnosticarmos a potencialidade como mães de mãos dadas em movimento.

E assim, teremos um arsenal fortalecido para olharmos em volta e questionar essa estrutura patriarcal: a falta de equipamentos públicos que dariam suporte para mães e crianças, a falta de políticas culturais que visam a reinserção de mães na cena da cidade através de fomentação, formação, reestabelecimento de redes de trabalho. A hegemônica padronização estética curatorial que não suporta mulheres, negrxs e lgbtiq+ e mais uma infinidade de coisas.

A partir do questionamento se faz a nascitura de um embrião de mudança que germinara, depois de longo e custoso processo, o mundo onde a diversidade poderá ser contemplada em toda sua expressão e onde mães não terão mais que escolher entre sua vida profissional e seus filhos, ou entre os dois e sua saúde mental.

Porém, antes de encher a boca com palavras futuras convidamos todes a encher o presente com ações efetivas.

Não podemos, na nossa microesfera, curar as does do mundo, mas podemos diluí-la. E auxiliar as mães ao nosso redor a ter o mínimo de condições de ir em busca dos seus desejos e vontades. Por isso questionar nossa mente sobre as ações cotidianas que podemos fazer, sobre as ações cotidianas que teremos que nos esforçar para fazer é talvez a nossa tarefa mais suprema. Reentender a criação das crianças enquanto um processo para além dos laços genéticos. Construir novos espaços que acolham crianças. Incentivar a vida artísticas das mulheres. Propiciar condições para que mães consigam vivenciar a arte. É por esse caminho que convidamos todes a seguirmos de mãos dadas.

Depois que um corpo abriga outro corpo, nenhum coração se contenta.